

Entrevista com Armelle Enders

Beatriz de Moraes Vieira*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Avaliado internamente pela Equipe Editorial.

- * Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense. Editora Associada da *Revista Maracanan*. E-mail: beatriz.vieira.uerj@gmail.com
 <https://orcid.org/0000-0002-5722-9880>  <http://lattes.cnpq.br/3413434339597114>

Beatriz de Moraes Vieira. Como e quando começou sua relação científica com o Brasil?

Armelle Enders. Meus primeiros contatos com a história do Brasil datam do ano letivo de 1988-1989. Kátia de Queiróz Mattoso (1931-2011) acabara de entrar na Universidade Paris IV-Sorbonne. Eu havia defendido um Diploma de Estudos Aprofundados (DEA), que era um ano preparatório para a tese, sobre a Escola Nacional da França Ultramarina, a escola que formava os administradores civis das colônias francesas, sob a orientação de François Crouzet (1922-2010), especialista em história econômica e história britânica. Quando chegou a hora de escolher um tema para a tese, eu queria me orientar para a história do Brasil e François Crouzet me encaminhou para Kátia de Queirós Mattoso. Ela me propôs trabalhar sobre o funcionamento da Primeira República, uma ideia que lhe havia sido sugerida, creio eu, por Bárbara Levy (1943-1992), que na época passava um ano em Paris. Aproveitei a ocasião para relembrar Bárbara. Ela foi muito generosa com a jovem estudante que eu era e me deu excelentes conselhos.

Eu não sabia praticamente nada sobre a história do Brasil, especialmente sobre o período que me interessava, o século XX. Hoje não se percebe mais, mas a historiografia era muito pouco desenvolvida e não existiam bons livros de síntese. Em francês, não havia nada. Em inglês, lembro-me das obras de Bradford Bruns. Em português, felizmente, havia a monumental *História Geral da Civilização Brasileira*, dirigida por Sérgio Buarque de Holanda e Boris Fausto. Mas a Primeira República era pouco estudada e mal tratada na maioria dos livros. O panorama institucional mudou profundamente na França e no Brasil desde o início da minha carreira, e as consequências foram enormes, tanto para a profissão de historiadora quanto para a produção historiográfica, os campos abordados e a gama de questões levantadas sobre o passado.

O ano de 1989 é particularmente marcante e é importante lembrar seu contexto otimista, tão diferente do atual. Na França, estávamos no auge dos anos Mitterrand, o ano do bicentenário da Revolução Francesa, do início do colapso do “bloco socialista” na Europa Oriental e do Muro de Berlim. Cheguei ao Rio de Janeiro para minha tese no final de setembro de 1989 e voltei para Paris no final de janeiro de 1990. Em plena comemoração do centenário da Proclamação da República e em plena campanha eleitoral para a eleição presidencial por sufrágio universal direto (e em plena hiperinflação)! A esperança era imensa, pelo menos no Rio de Janeiro, que era então o reduto de Leonel Brizola. Meu aprendizado sobre o Brasil aconteceu nesse clima excepcional, na Cinelândia, nos enormes comícios na Candelária e no Sambódromo.

Beatriz. Quais são suas motivações, ou seja, por que você se interessa pela história brasileira,

quais temas brasileiros você já estudou?

Armelle. Como acabei de indicar, comecei a pesquisar a história contemporânea do Brasil sem saber nada sobre ela. De qualquer forma, eu não queria trabalhar com a história da França hexagonal.¹ Trabalhar com uma área estrangeira, especialmente uma tão vasta como o Brasil, era para mim uma oportunidade de não ficar confinado a uma especialidade de pesquisa muito restrita para o meu gosto, como teria sido o caso se tivesse permanecido com um tema francês.

Quanto ao motivo pelo qual escolhi o Brasil e não outro lugar distante, é preciso compreender, como historiadora, a questão mais geral das relações entre a França e o Brasil e as representações recíprocas que os franceses e os brasileiros têm dos respectivos países. A França e o Brasil são reciprocamente construídos como o oposto um do outro. Por outro lado, é um oposto familiar, não completamente estranho, devido à proximidade linguística, à antiguidade e à importância dos intercâmbios culturais. Passar da França para o Brasil e vice-versa é, sem dúvida, buscar uma mudança de cenário, mas uma mudança cautelosa, sem rupturas radicais e com códigos relativamente fáceis de decifrar, a menos que se opte por se aproximar das comunidades indígenas. A história do Brasil contemporâneo é também uma forma de questionar a sociedade francesa, com um olhar descentrado.

No entanto, constato que raramente se pergunta, pelo menos imagino, aos químicos qual é a sua relação com as moléculas que estudam. Gostaria que fosse o mesmo com os historiadores e seus campos de pesquisa, que finalmente nos convencêssemos de que a história não é uma questão de DNA, mas um exercício de lucidez crítica, e que a questão da identidade não é o único horizonte da história.

Para ser totalmente honesto, foi menos o Brasil do que o Rio de Janeiro que me atraiu e que se tornou, ao longo dos anos e das estadias, um sólido ponto de ancoragem pessoal, além da pesquisa histórica *stricto sensu*. É por isso que escrevi uma espécie de biografia da cidade, *História do Rio de Janeiro*, publicada pela Gryphus.

Minha tese de doutorado, defendida na Paris IV-Sorbonne em 1993, tratou do federalismo desequilibrado da Primeira República e do comportamento dos Estados de “segunda grandeza”, segundo a expressão de Marieta de Moraes Ferreira, que na época terminava sua própria tese de doutorado sobre a Primeira República no Estado do Rio de Janeiro e, na verdade, orientou meu trabalho. A ela devo 75% do que há de interessante na minha tese: a metodologia (o estudo das sucessões presidenciais), a bibliografia, a indicação de fontes primárias, as conversas, os contatos com os grandes historiadores e historiadoras do

1 Nota do Editor: Trata-se da relação ao “Hexágono”, o modo como se designa o território francês na Europa, sem os departamentos ultramarinos nem a Córsega, em referência à forma quase geométrica do seu mapa. Cf. Anexo.

Brasil no Rio de Janeiro: Ângela de Castro Gomes, José Murilo de Carvalho, Manoel Luís Salgado Guimarães, Carlos Fico, Cláudia Viscardi, Mônica Kornis, Américo Freire...

Minha juventude ou ingenuidade me permitiam abordar com um olhar novo essa Primeira República tão malvista e concluir que a “política do café com leite”, por falta de provas empíricas, era uma lenda ou, mais precisamente, uma retórica polêmica. Cláudia Viscardi, principal especialista no período, confirmou e reforçou essa intuição. Embora já não trabalhe há muito tempo sobre a vida política da Primeira República, continuo interessada no assunto. Fico feliz que a questão racial faça parte das lentes de leitura da história política desse período, o que era muito raro na década de 1990, por incrível que pareça. O fato de Nilo Peçanha ser um político e presidente negro não suscitava comentários ou observações particulares na época. A historiografia sempre acompanha a demanda social.

Após minha tese, senti a necessidade de escrever o livro que não encontrei, uma pequena síntese atualizada sobre a história do Brasil desde a independência, há muito ultrapassada e esgotada.² Desde então, publiquei outro, regularmente atualizado, que não faz a história do Brasil começar em 1500, mas se esforça para apresentar o estado de nossos conhecimentos sobre o povoamento e as civilizações indígenas antes da tomada de posse pelos portugueses.³

Também fiz algumas pesquisas pontuais. Era ainda uma época abençoada em que se podia passar seis meses trabalhando em um artigo sem se preocupar em responder a editais ou se inscrever em linhas de pesquisa específicas. Assim, publiquei dois artigos bastante diferentes, mas sobre temas escolhidos livremente e que continuam a representar os meus principais centros de interesse: uma história política e cultural, por um lado, e uma história das fronteiras coloniais e da colonização, por outro. Um deles tratava da morte de Tancredo Neves, por ocasião de um seminário na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais sobre a doença e a morte de líderes políticos, de Luís XVI a François Mitterrand, que inspirou a ideia do seminário.⁴ Para o outro, mergulhei na expedição Roosevelt-Rondon pelo Mato Grosso e pela Amazônia. Sempre me perguntei o que aquele ex-presidente dos Estados Unidos foi fazer no coração do continente.⁵ Atualmente, estou aprofundando a reflexão sobre a colonização do interior do Brasil, interessando-me pela “Marcha para o Oeste”.

2 *História do Brasil contemporâneo, séculos XIX-XX*. Bruxelas: Complexe, 1997. 292 p.

3 *História do Brasil*. 3ª ed. (ampl.). Paris: Chandeigne, 2019.

4 “São Tancredo da Esperança”. A morte do presidente Tancredo Neves e a democracia brasileira, em Jacques Julliard (dir.), *A morte do Rei. Em torno de François Mitterrand. Ensaio de etnografia política comparada*. Paris, Gallimard, 1999.

5 Theodore Roosevelt explorador. Positivismo e mito da Fronteira na Expedição Científica Roosevelt-Rondon no Mato Grosso e na Amazônia (1913-1914). *Revista Francesa de História Ultramarina*, v. 85, n. 318, p. 83-104, 1998.

Paralelamente, iniciei o processo para obter minha habilitação para dirigir pesquisas, diploma que permite acessar as funções de professora titular na França e que consiste em um dossiê de publicações, um livro de pesquisa inédito e um memorial. O dossiê intitulado “Passado e política no Brasil, séculos XIX-XX” foi defendido na Universidade Paris I-Panthéon-Sorbonne perante um júri composto por Annick Lempérière, Jean-François Chanut, Christophe Charle, Marieta de Moraes Ferreira, Manuel Salgado Guimarães e François Hartog. Ele incluía um manuscrito inédito que se tornou o livro *Os Vultos da Nação. Fábrica de heróis e formação dos brasileiros*, publicado pela editora FGV em 2014.

O terremoto político que começou a abalar o Brasil por volta de 2013-2014, cujo epicentro foi o golpe de Estado de 2016 contra Dilma Rousseff e cujos tremores ainda hoje continuam a ser sentidos, também me ocupou muito. Cheguei ao Brasil no início da redemocratização e tive a impressão de assistir, a partir de 17 de abril de 2016 (o início do “rito” do impeachment na Câmara dos Deputados presidida por Eduardo Cunha), dia da ignomínia, não apenas ao fim de um ciclo histórico e em grande parte positivo para o Brasil, mas também ao colapso de um mundo, de valores e de projetos sociais aos quais sou ligada. E isso foi apenas o começo, pois o Brasil está sempre um passo à frente da Europa. O mundo inteiro está se tornando uma grande distopia.

Beatriz. Que parcerias você já estabeleceu no Brasil e como você vê a relação entre a Paris 8 e o Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)?

Armelle. A Universidade Paris 8 assinou acordos com várias instituições brasileiras. As parcerias são diferentes em cada caso e procuram corresponder às características dos diferentes departamento e linhas de pesquisa. No ano passado, a “Temporada Cruzada França-Brasil 2025” deu origem a vários eventos na Universidade Paris 8, com ênfase no tema “periferias” (em português): seminários, exposições, concertos, podcasts, apresentações teatrais e a concessão do título de doutor honoris causa ao presidente Lula. A ideia é prolongar essa “temporada” de forma sustentável e continuar a aprender com o Brasil para enfrentar os desafios. Na Paris 8, a internacionalização também é uma forma de fazer com que colegas de vários departamentos e serviços da Universidade (ação cultural, biblioteca universitária, comunicação...) trabalhem juntos, o que não é tão fácil de acontecer na rotina. Gostaria que fosse assim na UERJ.

A relação da Universidade Paris 8 - nascida como Centro Universitário Experimental na esteira do movimento de maio de 1968 - com o Brasil é forte e antiga. Josué de Castro, refugiado político durante a ditadura, foi professor de geografia na Universidade Paris 8.

[Vejo] A história da Paris 8 e da UERJ, seus compromissos, como a vontade de associar a excelência científica e a inclusão social. O objetivo mais importante é a criação de um

mestrado em história de dupla titulação - PPGH da UERJ e do departamento de história da Paris 8 -, de forma a oferecer aos estudantes uma experiência internacional, sempre valiosa, independentemente da carreira a que se destinam. Esperamos ter superado a maioria dos obstáculos para poder iniciar a formação em 2027.

Anexo

Figura - França Hexagonal

